

PROCESSOS DE MUDANÇA LINGÜÍSTICA EM PROGRESSO:  
A saliência vs. não saliência de variantes

Fernando Tarallo  
UNICAMP

e  
Maria Eugênia Lamoglia Duarte  
PUC/SP

**Introdução**

Na questão da mudança lingüística em progresso, ou segundo outros - "em curso", talvez esteja uma das mais significativas contribuições da sociolingüística laboviana ao pensamento lingüístico contemporâneo. De fato, argumentando severamente contra os pressupostos bloomfieldianos (1933) sobre a regularidade da mudança fonológica e, em particular, sobre a impossibilidade de se observar seu processo em progresso, Labov tem repetidamente evidenciado o oposto: de um lado, a insustentação da concepção neo-gramática com o advento da perspectiva lexicaldifusionista (Labov, 1981)<sup>1</sup>; de outro, a quantificação da própria mudança em "trânsito" (Labov, Yaeger and Steiner, 1972).

Na investigação da variação e da mudança lingüísticas, o modelo multi-variacional proposto por Labov (1966, 1972a e, mais recentemente, 1983), teórica e metodologicamente prevê a interação entre fatores condicionadores de natureza lingüística e não-lingüística. Procede-se assim a um elencoamento altamente detalhado de todos os possíveis contextos favoráveis e/ou inibidores ao emprego de determinadas variantes. O encaixamento sociolingüístico da variável estudada, ao lado da avaliação de suas variantes pelos informantes da comunidade, permite, por sua vez, escalonar as variáveis em: indicadores, estereótipos e marcadores<sup>2</sup>. Destes, os últimos, ao cruzarem "preferências" sócio-econômicas e, por extensão, sócio-estilísticas, predizem a possibilidade (ou não) de alguma das variantes estar em processo de transição e/ou implementação dentro da comunidade, ou seja, em uma situação de mudança.

Conforme atestado pela literatura, nem todos os marcadores, entretanto, projetam mudança. Ao estudar a estratificação social do inglês falado na cidade de Nova Iorque, Labov (1966, 1972a) demonstrou que, enquanto o marcador (r) revela mudança

em progresso, a variável (ing) se mantém estável na comunidade há anos, não apresentando, como a primeira, traço algum de hiper-correção pela classe média-baixa.

Os avanços teóricos e metodológicos da sociolinguística laboviana na questão da mudança linguística não recuperam, contudo, toda a extensão do fenômeno variável. No mapeamento entre frequência percentual de ocorrência de determinadas variantes<sup>3</sup> e grupo sócio-econômico (acoplado (ou não) a estilo e/ou qualquer outro condicionador externo, por exemplo: escolaridade) perde-se, conforme nosso argumento, todo o detalhamento dos fatores condicionadores internos. Isto é, resalta-se nesse cruzamento a saliência de certas variantes sobre as suas concorrentes, mas a hierarquia de condicionadores internos ao sistema linguístico é "perdida" como se, em nenhum momento, tivesse sido analisada.

Neste trabalho serão discutidas duas questões centrais: em primeiro lugar, não estaria nossa visão de mudança em progresso, via Labov, comprometida na medida que se a equaciona com a saliência sociolinguística de determinadas variantes? e, em segundo lugar, não estariam os sub-fatores internos menos salientes enveredando a fala (e, por decorrência, a língua) por caminhos totalmente despercebidos por seus usuários?

Para responder a essas perguntas serão cumpridas duas etapas. Faremos, inicialmente, um passeio pela literatura sociolinguística nacional a fim de ilustrar a perda da hierarquia interna através da inobservância de variantes não-salientes. Em seguida, na terceira parte do ensaio, com base em testes de reação subjetiva sobre o uso variável de anáfora zero em diferentes funções e configurações sintáticas no português coloquial de São Paulo<sup>4</sup>, demonstraremos que uma mesma variável pode "variar" seu grau de saliência em relação a funções estritamente sintáticas e, mais importante ainda, que suas variantes estão controladas pela ideologia da gramática somente em seu lado "saliente", enquanto a não-saliência de determinadas variantes em determinadas funções e configurações sintáticas lhes garante a implementação no sistema, longe, portanto, das "garras" das normas gramaticais.

### **Da inobservância de variantes não-salientes**

De Belo Horizonte ao Rio de Janeiro, passando pelo Triângulo Mineiro, até São Paulo<sup>5</sup>, o português coloquial tem sido submetido à análise pelo modelo sociolinguístico quantitativo em diferentes partes de sua gramática. Ora em sua fonologia, ora em sua morfofonologia, morfossintaxe e sintaxe, seus analistas o tem cortado e recortado quanto às suas propriedades internas e externas. É precisamente na inter-relação entre os recortes internos e externos que pretendemos de monstrar a inobservância de variantes não-salientes.

O levantamento de fatores externos condicionadores ao uso de determinadas variantes, feito no momento da composição e da configuração da amostra a ser analisada, necessariamente leva o pesquisador-variacionista a medir seus efeitos. Citamos alguns exemplos localizados na literatura da área: Votre (1978), ao analisar o cancelamento de (r) e (n) finais no português coloquial do Rio de Janeiro, demonstra que a preservação dos segmentos é favorecida pelo grau mais alto de escolaridade dos falantes. O mesmo fator 'escolaridade' mostrou-se atuante na análise dos verbos impessoais no português falado de Petrópolis, realizada por Gryner (1977); na regularização do subjuntivo dos verbos irregulares (Macedo, 1981); na análise da concordância nominal (Scherre, 1977) e no uso de clítico acusativo de terceira pessoa na fala coloquial de São Paulo (Duarte, 1986), entre outros estudos. Em todas essas análises o índice mais alto de 'escolaridade' dos informantes demonstrou ser condicionador à preservação da norma gramatical.

A faixa etária mais jovem, por outro lado, mostrou-se mais favorável à preservação da norma gramatical no estudo de Callou (1979) sobre a passagem de vibrante múltipla para fricativa velar; na questão da harmonização vocálica estudada por Bisol (1981) no Rio Grande do Sul; na análise do fenômeno de desnasalização da fala carioca (Guy, 1981) e na concordância verbal estudada por Motta (1979) na fala de Salvador, entre outros tantos. Similarmente, e não menos importante, a fala das mulheres favoreceu a manutenção da variante padrão na preservação do (n) final (Votre, 1978); na variável estudada por Callou (1979); na desnasalização e na pronúncia do (s) pós-vocálico (Guy, 1981); na supressão do (r) em final de sílaba e de palavra (Olivei-

ra, 1982); na análise de Gryner (1977) sobre os verbos impessoais, e na variação entre 'seu/teu' estudada por Silva (1982), entre outros.

Para uma leitura mais detalhada sobre a inobservância de variantes não-salientes tomaremos, somente para fins de argumentação e explicitação, o texto de Scherre (1981) sobre a variação da regra de concordância no sintagma nominal em português. A leitura que faremos do texto de Scherre, poderia ser feita com qualquer um dos outros estudos acima mencionados. Escolhemos a análise da pluralidade do sintagma nominal por ser uma das variáveis mais investigadas na literatura sociolinguística. Esclarecemos, ainda, que nossa leitura não é absolutamente crítica à análise de Scherre<sup>6</sup>, mas sim, e sobretudo, a alguns aspectos do modelo variacionista que, por se garantir e aos resultados que dele desencadeiam através da objetividade e da cientificidade típicas da quantificação, permite que essa mesma estatística encubra aspectos interressantíssimos da variação.

Scherre (1981) faz uma análise da regra de concordância nominal com base em uma amostra de dez informantes, entre as idades de 16 a 23 anos, dos quais cinco são homens e cinco são mulheres. Os informantes são ainda sub-divididos segundo o fator externo 'escolaridade': seis deles constituem o grupo semi-escolarizado (alunos do MOBREAL); três freqüentam o curso superior, e um deles cursava, na época da coleta, o último ano do colegial. Os quatro últimos formam o grupo denominado 'escolarizados'.

O trabalho apresenta, ao todo, seis tabelas que quantificam o condicionamento da regra por fatores internos e externos. Mesmo nas tabelas em que Scherre detalhadamente analisa o condicionamento por fatores internos, há uma separação entre os resultados para cada um dos dois grupos considerados: o escolarizado e o não-escolarizado. A tabela 1, por exemplo, quantifica os efeitos dos processos morfológicos de formação de plural sobre a regra de concordância nominal. A tabela 2, por sua vez, apresenta os resultados do fator condicionador interno 'posição superficial dos elementos no sintagma nominal' (Ver Tableau 2, p.128). A tabela seguinte (Tableau 3, p.129) dimensiona os efeitos de natureza flexionada e flexionável do segmento precedente.

Tomemos a primeira tabela que apresenta evidências para o chamado 'princípio da saliência fônica'.

Tableau 1 - Effects des processus morphologiques de la formation du pluriel sur l'application de la règle d'accord du nombre

|                 | ESCOLARIZADOS      |       | NÃO-ESCOLARIZADOS  |       |
|-----------------|--------------------|-------|--------------------|-------|
|                 | Freq.              | Prob. | Freq.              | Prob. |
| ovo/ovos        |                    |       |                    |       |
| patrãozinho     | 21/21<br>100,0%    | 1.00  | 30/34<br>88,3%     | .96   |
| -----           |                    |       |                    |       |
| avião/aviões    |                    |       |                    |       |
| vocal/vocais    |                    |       |                    |       |
| hotel/hotéis    |                    |       |                    |       |
| lençol/lençóis  |                    |       |                    |       |
| fácil/fáceis    |                    |       |                    |       |
| canil/canis     | 116/122<br>95,1%   | .85   | 39/101<br>38,6%    | .49   |
| -----           |                    |       |                    |       |
| mulher/mulheres | 76/86<br>88,4%     | .57   | 37/80<br>46,2%     | .25   |
| -----           |                    |       |                    |       |
| casa/casas      |                    |       |                    |       |
| viagem/viagens  |                    |       |                    |       |
| mãe/mães        |                    |       |                    |       |
| mão/mãos        | 2705/3365<br>80,4% | .39   | 4291/7240<br>59,3% | .29   |
| -----           |                    |       |                    |       |
| rapaz/rapazes   | 80/154<br>52,0%    | .18   | 72/140<br>51,9%    | .26   |

(Scherre, 1981, p.126)

Esta tabela de Scherre revela resultados importantes sobre a preservação da norma gramatical na questão da pluralidade: ou seja, os processos morfológicos de formação de plural encontram-se diretamente relacionados à manutenção e/ou cancelamento do marca-

dor (s). Assim, quanto mais saliente o processo morfológico de formação de plural, maior será a probabilidade de retenção do morfema (s). Tais resultados são, por sua vez, mantidos emparelhados para os dois grupos de informantes, com algumas pequenas diferenças já apontadas pela autora e que não cumpre retomar aqui.

Uma interpretação avessa dessa tabela seria recortar as variantes em seus contextos menos salientes, ou seja: isolar aqueles contextos que mais massivamente favorecem o cancelamento do segmento. Por exemplo: os grupos 4 e 5 de palavras, na ordem em que se encontram expostos na tabela acima. Estes dois grupos de palavras seriam em seguida cruzados com o fator mais favorecedor ao cancelamento da tabela seguinte: ou seja, as posições mais à direita, mais finais do sintagma nominal. E assim sucessivamente. Obviamente, o modelo quantitativo utilizado nas análises variacionais prevê objetivamente a interação entre fatores e garante, *ceteris paribus*, que a força e o peso de cada fator considerado como potencial condicionador ou distribuidor dos dados estão isentos de compromisso com os fatores restantes incluídos.

Nosso argumento antecipa, porém, que os contextos menos favoráveis à preservação da norma podem estar, segundo sua própria configuração linguística *stricto sensu*, tão enraizados na gramática de uso da comunidade que mesmo testes de percepção e de reação subjetiva não conseguiriam ressuscitar a norma gramatical, a da língua e não a da fala, já profundamente adormecida no seio da comunidade. É o que demonstramos a seguir.

#### **Da observância de variantes não-salientes**

Observa-se, no português do Brasil, no que se refere à representação do objeto direto co-referencial com um sintagma nominal mencionado no discurso (doravante objeto direto anafórico), sensível preferência pelo uso de sintagmas nominais lexicais, do pronome lexical *ele* e de uma categoria vazia objeto em detrimento do uso do clítico acusativo. Assim, uma resposta completa à questão:

(1) Há quanto tempo você conhece a Maria?  
poderia desencadear, em princípio, uma das seguintes respostas:

(1a) Eu conheço a Maria há muitos anos.

(1b) Eu conheço ela há muitos anos.

(lc) Eu conheço (e) há muitos anos.

(ld) Eu a conheço há muitos anos.,

sendo a resposta em (ld) aquela que corresponde à estrutura cada vez menos freqüente na fala.

Um levantamento dos contextos lingüísticos que estariam atuando na escolha e uso de cada uma dessas formas variantes aponta a relevância da forma verbal e da estrutura sintática da oração além do traço (+ animado) do antecedente do objeto. O uso do clítico acusativo fica restrito a formas verbais simples do indicativo, a estruturas S(ujeito) V(erbo) O(bjeto) e ao traço (+animado) do objeto. O pronome lexical é favorecido por estruturas sintáticas complexas, com predicativo e objeto sentencial, associadas ao traço (+animado) do objeto enquanto o traço (-animado) condiciona fortemente o uso da categoria vazia, exemplificada em (lc).

Nosso objetivo nesta parte do presente ensaio é mostrar a importância de se observar tais condicionamentos internos na análise sócio-estilística da variável em questão.

Dois condicionamentos sociais analisados, a escolaridade e a faixa etária do falante, mostram que a categoria vazia é a estratégia preferida, situando-se entre 60% e 67% do total de ocorrências, enquanto a menos usada, o clítico acusativo, varia desde a completa ausência na fala de jovens entre 15 e 17 anos, cursando o 1º grau, e falantes com mais de 46 anos, com 1º grau, até 6,4% de ocorrências na fala de informantes com mais de 46 anos, com 3º grau. Por outro lado, o uso do pronome lexical, que é de 23,5% na fala de informantes jovens com 1º grau, decresce à medida que sobem faixa etária e escolaridade, chegando a 9,8% entre os informantes com 3º grau. Um fator que mostra a interação de condicionamentos lingüísticos e extra-lingüísticos pode ser observado na tabela 2 abaixo (Tabela 3.2. em Duarte, 1986:38). A ocorrência de pronomes lexicais em posição objeto na fala de informantes com nível de escolaridade mais alto está condicionada à complexidade maior da estrutura em que o objeto aparece.

TABELA 2 - Uso do pronome lexical segundo a estrutura sintática da frase e a escolaridade dos informantes.

| Escolaridade     | Estrutura |      |          |      |        |       |
|------------------|-----------|------|----------|------|--------|-------|
|                  | Simples   |      | Complexa |      | Total  |       |
|                  | quant.    | %    | quant.   | %    | quant. | %     |
| jovens (1º grau) | 40        | 90,9 | 4        | 9,1  | 44     | 100,0 |
| 1º grau          | 73        | 84,9 | 13       | 15,1 | 86     | 100,0 |
| 2º grau          | 59        | 65,5 | 31       | 34,5 | 90     | 100,0 |
| 3º grau          | 19        | 38,8 | 30       | 61,2 | 49     | 100,0 |
| Total            | 191       | -    | 78       | -    | 269    | -     |

É ainda a escolaridade, associada à faixa etária do falante, importante fator na compreensão da permanência de variabilidade em certos contextos linguísticos. A relevância do traço (+ animado) do objeto associada a estruturas simples não poderia ser considerada decisiva na sua realização fonológica. A análise dos condicionamentos sociais demonstra que o falante com nível de escolaridade mais alto, particularmente aquele que se situa numa faixa etária mais alta, prefere a anáfora zero ao pronome lexical no contexto acima mencionado. Encontra-se também, entre estes falantes, a preferência por sintagmas nominais lexicais ao uso do pronome lexical, o que sugere serem a categoria vazia e o sintagma nominal lexical importantes estratégias de esquiva ao uso do clítico, de um lado, e ao uso do pronome lexical, de outro.

Ao lado de condicionamentos sociais, é de extrema importância considerar a atuação dos efeitos estilísticos na produção de uma variável. A maior ou menor formalidade do contexto em que ocorre a fala pode nos fornecer elementos relativos ao sentimento do falante por determinadas formas variantes, o que nos permite observar a possibilidade de estar alguma delas em situação de mudança. Testes de produção e de percepção de uma variável permitem comparar a produção mais espontânea do falante durante uma entrevista com sua produção em situação mais formal.



Com relação ao objeto direto anafórico, os testes de produção da variável, através de respostas a perguntas diversas, confirmam a relevância dos fatores lingüísticos e sociais. Cresce, na fala de informantes com 2º e 3º graus, a realização fonológica do objeto, quer pelo uso do clítico, quer pelo uso de sintagmas lexicais anafóricos, com sensível decréscimo no uso da categoria vazia. A ocorrência do pronome lexical, muito mais baixa nesta modalidade de fala por tais informantes, revela estarem eles conscientes do prestígio daquelas sobre esta, ao contrário dos informantes com nível de escolaridade mais baixo, para quem a mudança no contexto não altera a produção da variável.

A tabela 3 a seguir (Tabela 3.4, em Duarte: 1986, p.42) apresenta a distribuição das variantes produzidas em testes segundo a escolaridade do informante, o tipo de estrutura e o traço do antecedente do objeto.

TABELA 3 - Distribuição das variantes produzidas em testes segundo a escolaridade do informante, o tipo de estrutura e o traço do antecedente do objeto (%).

| ESTRUTURAS | SIMPLES              | [+a]    |           |         |         | [-a]    |           |      |       |
|------------|----------------------|---------|-----------|---------|---------|---------|-----------|------|-------|
|            |                      | clítico | pron.lex. | SN      | [SNe]   | clítico | pron.lex. | SN   | [SNe] |
|            |                      | %       |           |         |         | %       |           |      |       |
|            |                      | jovens  | 1º grau   | 2º grau | 3º grau | -       | -         | -    | -     |
|            | COMPLEXAS: SN + FRED | -       | 13,3      | 6,7     | 80,0    | -       | -         | -    | 100,0 |
|            |                      | 3,7     | 14,8      | 28,6    | 51,9    | -       | -         | 5,9  | 94,1  |
|            |                      | 26,7    | -         | 33,3    | 40,0    | 25,0    | -         | 8,3  | 66,7  |
|            |                      | 41,5    | 2,4       | 41,5    | 14,6    | 17,8    | -         | 42,9 | 39,3  |
|            | COMPLEXAS: SN + S    | -       | 80,8      | -       | 20,0    | -       | -         | 20,0 | 80,8  |
|            |                      | -       | 25,0      | -       | 75,0    | -       | -         | 22,2 | 77,8  |
|            |                      | -       | 50,0      | -       | 50,0    | -       | -         | 20,0 | 80,0  |
|            |                      | 10,0    | 20,0      | 30,0    | 40,0    | -       | -         | 69,2 | 30,8  |
|            | COMPLEXAS: SN + S    | -       | 77,8      | -       | 22,2    | -       | -         | -    | -     |
|            |                      | -       | 20,0      | 20,0    | 60,0    | -       | -         | -    | -     |
|            |                      | 8,3     | 41,7      | 16,7    | 33,3    | -       | -         | -    | -     |
|            |                      | 23,1    | 7,7       | 57,7    | 11,5    | -       | -         | -    | -     |

Observa-se que a atuação dos condicionamentos internos se mantém apesar da situação experimental do teste. Assim, um paralelo poderia ser aqui traçado entre os resultados por Duarte nesta tabela e aqueles relatados por Scherre (Tabela 1 do presente texto), ou seja: igualmente à hierarquia dos processos morfológicos na preservação e/ou cancelamento do marcador de pluralidade no sintagma nominal nos dois grupos considerados, informantes escolarizados e não-escolarizados, Duarte demonstra o peso do condicionamento interno atuando na situação de maior tensão lingüística: o teste. A inovação do trabalho de Duarte está precisamente em manter as variantes separadamente e controlá-las, segundo os condicionamentos internos mais fortes, no momento do teste. Vejamos o saldo deste tipo de observância daquilo que estamos denominando de variação não-saliente.

O fato de os falantes com nível de escolaridade baixo não terem apresentado diferença na produção da variável em um contexto mais formal confirmou-se nos testes de percepção das variantes. Na verdade, esses falantes não distinguem entre as diversas variantes para a realização do objeto direto anafórico. Quanto aos demais informantes, pode-se dizer que os testes de percepção da variável atestam a relevância dos condicionamentos internos apontados. A aceitação do clítico (+ animado) em estruturas simples, com tempos simples do indicativo, é sensivelmente superior à sua aceitação nas mesmas estruturas com traço (- animado) e nas estruturas complexas. Assim, frases como:

- (2) Não sei por onde anda a Maria. Não a tenho visto ultimamente.
- (3) E as cartas?  
Coloque-as no correio, por favor!
- (4) O senhor não pode acreditar neles! Eu os vi abrindo a porta do meu carro!

são consideradas pernósticas, distantes do "coloquial", do "costumeiro", do "cotidiano", podendo trazer estigma sobre os que as utilizam na fala<sup>7</sup>.

Contrariamente, o pronome lexical em tais estruturas tem a quase unânime aprovação dos falantes entrevistados. Para eles, embora não seja "certo", é impossível falar de outro modo frases como (5), (6) e

(7).

(5) Coitada da menina! Deixa ela em paz!

(6) Eu acho ela sensacional!

(7) O senhor não pode acreditar neles! Eu vi eles abrindo a porta do meu carro!

É crucial observar que, em estruturas simples, com tempos simples do indicativo, é menor a aceitação do pronome lexical por parte dos informantes com nível de escolaridade mais alto. A tolerância do pronome lexical em:

(8) Eu vi ele ontem.

é muito menor do que em:

(9) Eu acho ele simpático.

(10) Eu gostaria de ter visto ele.

(11) Eu vi ele sair de casa.

Assim, sem consciência do fato, o falante aceita o pronome lexical exatamente naquelas estruturas de processamento sintático mais complexo (por exemplo, a "semi-clause" em (9), ou o "port-manteau" sintático em (11), considerando-as mais "naturais" e menos "sofisticadas" do que aquelas em que é usado o clítico.

A anáfora zero do objeto (- animado) passa quase que inteiramente despercebida pelos falantes, sendo aceita naturalmente em sentenças como (12), (13), (14) e (15) a seguir:

(12) Quando você entregou os livros a Maria?  
Entreguei (e) ontem.

(13) E as cartas?  
Coloque (e) no correio, por favor!

(14) Que tal o filme?  
Achei (e) ótimo.

(15) É uma questão de tempo. É só deixar (e) passar.

Os mais baixos índices de aceitação da categoria vazia com traço (+ animado) do objeto ficam por conta dos informantes com nível de escolaridade mais alto, a quem causam estranheza construções de que eles próprios fazem uso na fala natural, como:

- (16) O que será que houve com a Maria?  
Não tenho visto (e) ultimamente.
- (17) No princípio ele não concordava comigo, mas  
depois eu convenci (e) de que ele não devia  
fazer aquilo.

Como se vê, a estratificação extra-lingüística de uma variável está intimamente ligada à que leva em conta condicionamentos de natureza estritamente lingüística, o que decisivamente propicia resgatar o fenômeno variável em toda a sua extensão: social e lingüística, enfim, sociolingüística.

#### 4. Conclusão

O saldo do presente trabalho, posto que simples e óbvio, tem, acreditamos, um alcance específico dentro do modelo de variação e mudança lingüística, conforme exporemos conclusivamente a seguir.

Argumentamos na seção anterior, com base na análise de Duarte (1986) sobre a avaliação social da variável 'objeto direto anafórico', que uma determinada variante estigmatizada pela comunidade pode não ganhar em prestígio (i.e. avaliação positiva), mas, sem dúvida alguma, a mesma variante pode ser reduzida em seu estigma (i.e. avaliação negativa) em que pesem diferentes configurações internas, no caso específico, de natureza sintática. Ou seja: o uso do pronome lexical **ele** em função acusativa é fatalisticamente condenado pela comunidade em estruturas simples do tipo S(ujeito) - V(erbo) - O(bjeto); essa mesma comunidade, no entanto, tolera, por sua vez, essa mesma variante em configurações sintáticas mais complexas. É como se o pronome lexical **ele** não se constituísse em uma só variante, isto é: que a variável fosse, na realidade, a configuração sintática em si mesma, simples vs. complexa. Assim, a pressão exercida pela tolerância de **ele** nas estruturas complexas sobre a variação encontrada nas estruturas simples poderia justificar por que, apesar de estigmatizado, o pronome lexical apresenta, na fala espontânea dos informantes, frequência mais alta do que o clítico, somente perdendo em uso para a categoria vazia.

E finalmente: em relação às duas questões centrais levantadas na introdução ao presente trabalho,

a variável 'objeto direto anafórico' definitivamente aponta soluções de extremo interesse. Não há dúvida quanto ao grau de estigmatização do pronome lexical **ele** na comunidade estudada. O modelo variacionista prediria, pois, a vitória da categoria vazia em detrimento do pronome lexical, uma vez que as garras da norma gramatical encontram, no momento, certas dificuldades para garantir o uso do clítico na fala espontânea.

Assim, nossa visão de mudança em progresso em relação a essa variável estaria totalmente comprometida com o grau de saliência sociolinguística das três variantes consideradas. Argumentamos, entretanto, no decorrer desse trabalho, não ser esta exatamente a solução, o que nos leva a concluir uma resposta à segunda questão. Ou seja: a redução ao estigma do pronome lexical **ele** nas configurações sintáticas complexas (i. e. "semi-clause" e "port-manteau" sintático, exemplificadas em (9) e (11) respectivamente) comprova a existência de espaços estritamente linguísticos que, ao provocarem diferentes reações nos informantes, garantem a uma determinada variante, no caso **ele**, sua preservação no sistema, longe, portanto das "garras" da norma gramatical e da norma de prestígio na gramática de uso da comunidade.

#### NOTAS

<sup>1</sup>Na realidade, Labov "resolve a controvérsia sobre os neo-gramáticos" precisamente ao estabelecer um compromisso entre a linguística do século passado e desse século: "The orientation toward linguistic research that I would like to demonstrate here begins with a somewhat different perspective. It is motivated by a considerable respect for the intelligence of our predecessors, and for the evidence that led them to their conclusions. A careful consideration of competing bodies of evidence leads us to recognize the need for a higher-level theory that will take into account, as well as account for, the findings of both sides of the controversy. Such a synthesis can be achieved only if we ascertain the conditions under which each of the opposed viewpoints is valid. I don't think this can be done by simply re-shuffling the data already accumulated, or by manipulating and re-organizing a set of known data points - in a word, by trying to be more intelligent than our predecessors. The sort of synthesis I have in mind requires broader and richer data, drawn from a wider variety of sources and measured by more precise techniques". (p.268)

<sup>2</sup>Para a definição de 'marcadores, estereótipos, e indicadores', ver Labov (1972a, capítulo 1), Sankoff (1974, p.31) e Tarallo (1985, capítulo 4).

<sup>3</sup>Para a conceituação de variável e variantes linguísticas, ver Tarallo (1985, capítulo 1) e Oliveira (1987).

<sup>4</sup>Todos os dados incluídos na seção terceira do presente ensaio, bem como toda a análise social das três variantes de sintagma nominal objeto direto anafórico, procedem de Duarte (1986).

<sup>5</sup>As análises variacionistas do português brasileiro já realizadas não se prendem, porém, exclusivamente a essas localidades citadas no texto presente. Acrescentem-se, pois, os estudos desenvolvidos sobre Brasília, Salvador e Porto Alegre.

<sup>6</sup>Em recente relatório final de pesquisa (Naro et alii, 1986) à FINEP, Scherre brilhantemente demonstra, através de uma excelente re-análise da regra de concordância nominal, o alcance do modelo teórico sociolinguístico quantitativo.

<sup>7</sup>As reações desfavoráveis ao clítico em tais estruturas foram manifestadas pelos informantes com exclamações como:

"Nossa! Tã certo, mais é esquisito! As pessoas não falam assim!"

"Como?"

"Certíssima!" (risos)

"Sô o Jânio!"

"Ai, que rebuscamento!"

"Chique!"

"Pedante!"

#### BIBLIOGRAFIA

- BISOL, L. **Harmonização vocálica**. UFRJ, Tese de doutorado, 1981.
- BLOOMFIELD, L. **Language**. New York, Henry Holt, 1933.
- CALLOU, D.I. **Variação e distribuição da vibrante na fala urbana culta no Rio de Janeiro**. UFRJ, Tese de doutorado, 1979.
- DUARTE, M.E.L. **Variação e sintaxe: clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil**. PUC-SP, Dissertação de mestrado, 1986.
- GRYNER, H. **A variação de concordância com verbos impessoais na cidade de Petrópolis**. UFRJ, Dissertação de mestrado, 1977.
- GUY, G. **Linguistic variation in Brazilian Portuguese: Aspects of the phonology, syntax and language history**. University of Pennsylvania, Ph.D., dissertation, 1981.

- LABOV, W. **The social stratification of English in New York City**. Washinton, D.C.: Center for Applied Linguistics, 1966.
- \_\_\_\_\_. **Sociolinguistic Patterns**. Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 1972a.
- \_\_\_\_\_. Resolving the neogrammarian controversy. In: **Language**. Vol.57, number 2, 1981.
- \_\_\_\_\_. Language structure and social structure. Paper presented at the Conference on Qualitative and Quantitative Approaches to Social Theory, Chicago, November 1983. Mimeo.
- \_\_\_\_\_. ; YAEGER, M. and STEINER, R. **A quantitative study of sound change in progress**. Philadelphia, U. S. Regional, Survey, 1972.
- MACEDO, A.V.T. **O uso do futuro do subjuntivo em português: regularização de uma forma verbal**. UFRJ:Tese de doutorado, 1981.
- MOTTA, E.C. de M. **Escolarização e variação lingüística**. UNICAMP, Dissertação de mestrado, 1979.
- NARO, A.J. et alii. **Relatório final. Projeto subsídios sociolingüísticos do projeto censo à educação**. FINEP, Rio de Janeiro, 3 volumes, 1986.
- OLIVEIRA, M.A. de. **Sobre os reflexos sociais da mudança em progresso**. In: **Ensaio de lingüística 7**. Variável lingüística: conceituação, problemas de descrição gramatical e implicações para a construção de uma teoria gramatical. In: **DELTA**, vol. 3, nº 1, 1987.
- SANKOFF, G. **A quantitative paradigm for the study of communicative competence**. In: R. Bauman and J. Scherzer (eds.), **Explorations in the Ethnography of Speaking**. London: Cambridge University Press, 1974.
- SCHERRE, M.M.P. **A regra de concordância de número no sintagma nominal em português**. PUC-RJ, Dissertação de mestrado.
- \_\_\_\_\_. **Variation de la règle d'accord du nombre dans le syntagme nominal en Portugais**. In: D. Sankoff and H. Cedergren (eds.), **Variation Omnibus**. Edmonton: Linguistic Research Inc.
- SILVA, G.M. de. **Estudo da regularidade na variação dos possessivos**. UFRJ, Tese de doutorado, 1982.
- TARALLO, F. **A pesquisa sociolingüística**. São Paulo, Editora Ática, 1985.
- VOTRE, S.J. **Aspectos da variação fonológica no Rio de Janeiro**. PUC/RJ, Tese de doutorado, 1978.